

## A EDUCAÇÃO NO CEARÁ PARA ALÉM DAS AVALIAÇÕES

ERLENE PEREIRA BARBOSA<sup>1</sup>; WAGNER PIRES DA SILVA<sup>2</sup>; NEIVA AFONSO OLIVEIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – e-mail: erlene2013@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – e-mail: wagner.pires@ufca.edu.br*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – e-mail: neivaafonsooliveira@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A Educação não pode ser a mesma em todos os lugares. Territórios tão diversos como o do interior gaucho e o interior cearense não podem ter a mesma educação. Entretanto, é possível perceber que as avaliações nacionais e a busca por destacar-se nos índices leva a uma padronização da educação brasileira, dentro de um viés mercantilista.

O Ceará, a partir dos anos 2000 passou de irrelevante no cenário educacional nacional, para grande exemplo. Vitrine dos governos cearenses, tanto municipais, quanto o estadual, as escolas cearenses são destaque no Brasil, pelo desempenho de seus alunos, em avaliações como o IDEB, por exemplo. São destaque, também, o número de aprovados em exames como o de admissão ao ITA, onde boa parte dos aprovados são oriundos de Fortaleza.

O presente trabalho procura desmitificar a educação cearense, que, reconhecemos, vai bem nas avaliações, ainda que à custa de uma série de contradições. Para isso, a pesquisa dialogará com conceitos como a reforma empresarial da educação (FREITAS, 2018), a relação entre a educação e o neoliberalismo (FRIGOTTO, 2015), a qual pode ser compreendida por meio da discussão sobre a vertente neoliberal da escola (LAVAL, 2004) bem como a necessidade de que para a educação cumprir sua função ontológica em relação aos seres humanos, ela precisa ir além do capital (MÉSZÁROS, 2008).

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa realiza um levantamento bibliográfico sobre o tema que embasa as discussões necessárias para entender que a educação cearense, apesar dos índices de sucesso nas avaliações precisa assumir uma postura diferente para despertar o potencial dos jovens que frequentam as escolas. Para além dos índices é preciso situar o modelo de educação do Ceará, e a partir daí apontar as contradições do mesmo. Bem como ir além das peças de propaganda.

Isso dá ao trabalho um caráter exploratório, ao se prestar a esclarecer e modificar conceitos e ideias (GIL, 2021). Neste caso conceitos e ideias acerca da Educação do Ceará.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante boa parte do século XX, o Nordeste foi visto como uma região problema. Assim, desenvolveu-se uma política assistencialista, que via a região como uma grande reserva de mão de obra para o restante do Brasil. Dessa forma a educação das classes trabalhadoras recebia poucos incentivos, deixando o fundo público direcionado ao Nordeste para outras áreas, enquanto os estados que

recebiam os migrantes nordestinos deveriam lhe proporcionar a educação necessária para o desempenho das funções laborais. Em fins do século passado e o início do século XXI, a região passou a ser vista como palco para uma expansão do capital, reconhecendo que a produção poderia ser realizada na própria região, com custos de mão-de-obra mais baixos e com incentivos dos governos estaduais, além de explorar um mercado consumidor de tamanho considerável, uma vez que a região Nordeste possui a segunda maior população entre as regiões.

A Educação foi, então chamada para exercer um papel de preparação da mão-de-obra dos novos negócios que chegam na região. No Ceará, os governos que se sucediam no comando do estado passam a perceber que a educação no Ceará poderia se limitar “ao básico necessário para a operação do trabalhador, sendo, portanto, ministrada em uma perspectiva parcial e não integral” (SILVA; BARBOSA, 2021, p.12).

Ofertar uma educação parcial encontraria resistências entre os professores, estudantes e a sociedade cearense. Era preciso mostrar que o adestramento dos estudantes cearenses tinha algo de positivo. Para isso, primeiro buscou-se tratar as escolas como empresas adotando os parâmetros empresariais de gestão e estabelecendo uma lógica concorrencial pelos recursos públicos. Assim, as escolas que cumprem as metas recebem mais incentivos para seguir nesta senda. “A escola é cada vez mais vista como uma empresa entre outras, compelida a seguir a evolução econômica e obedecer às restrições do mercado” (LAVAL, 2004, p.13).

Para maior eficácia na aferição do cumprimento de metas, o governo utiliza testes que “cobram a aprendizagem especificada pela base e fornecem por sua vez, elementos para inserir as escolas em um sistema meritocrático de prestação de contas” (FREITAS, 2018, p.80). Com o trabalho de influenciadores e grupos de pressão neoliberais, a qualidade da educação é vista como tão somente boas notas nos exames com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica(IDEB).

E para uma população carente dos direitos mais básicos, ver a ampliação de oferta de vagas nas escolas é visto de forma positiva, ainda mais, quando apontam as mesmas como sendo de qualidade, por ficarem bem posicionadas nas avaliações. Mesmo que seu currículo em nada dialogue com o território em que está inserida.

Por isso é preciso que uma outra educação precisa ser pensada agora, com uma abordagem diferente desta que liga as escolas ao interesse do mercado (MÉSZARÓS, 2008). A educação cearense saiu de um patamar muito baixo, no entanto, o atual foi atrelado ao capital. Para seguir avançando precisa se livrar dessas amarras.

#### **4. CONCLUSÕES**

As contradições na educação cearense persistem. Escolas novas e equipadas convivem com outras completamente sucateadas. Para as novas, são direcionados aos alunos com melhores desempenhos. O que segue realimentando a desigualdade entre elas. A padronização, a que são submetidas faz com que o diálogo com o entorno da escola seja o mínimo, uma vez que os estudantes precisam apresentar resultados nas avaliações, para os quais são treinados. O Novo Ensino Médio, aprofundou esse fosso, diminuindo a formação integral por força de lei e deixando, na prática, milhares de estudantes sem alternativa, além das poucas “trilhas de aprendizagem” que uma escola nas periferias ou no campo consegue ofertar.

As escolas cearenses precisam ir além das notas altas nos exames e testes e ofertar uma educação integral, que dialogue com o território e ofereça ferramentas para a realização da formação omnilateral de seus estudantes enquanto seres humanos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Erlene Pereira; SILVA, Wagner Pires da. Considerações sobre a expansão capitalista para o semiárido. **Cadernos do GPOSSHE On-line**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2022. DOI: 10.33241/cadernosdogosshe.v5i1.7615. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/7615>.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática. In: **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. Org.: GENTILI, Pablo A.A.; SILVA, Tomaz Tadeu da. Petrópolis: Vozes, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2021.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Editora Planta, 2004.

MÉSZÁROS, Istvan. **A educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.